

FEMINISMO NA ESCOLA: PROPOSTA PEDAGÓGICA A PARTIR DE CONTOS DE MARINA COLASANTI

Juceli da Cruz Carneiro
Prof^ª Dr^ª Patrícia Pedrosa Botelho



Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Carneiro, Juceli da Cruz.

Feminismo na escola: proposta pedagógica a partir de contos de Marina Colasanti / Juceli da Cruz Carneiro. -- 2026.
38 f. : il.

Orientadora: Patrícia Pedrosa Botelho

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2026.

1. Letramento literário. 2. Feminismo. 3. Marina Colasanti. 4. Sequência expandida.. I. Botelho, Patrícia Pedrosa , orient. II. Título.

Ficha técnica

Organizadores

[Carolina Alves Fonseca](#)

[Daniela da Silva Vieira](#)

[Fernanda Cunha Sousa](#)

[Michel Mingote Ferreira de Azara](#)

[Natália Sathler Sigiliano](#)

[Patrícia Pedrosa Botelho](#)

[Thais Fernandes Sampaio](#)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Mestrado Profissional em Letras

2026

Apresentação da coleção

Daniela da Silva Vieira

Dedilene Alves de Jesus-Oliveira

Iniciamos a apresentação deste caderno pedagógico considerando que os produtos educacionais aqui apresentados constituem uma parte do trabalho de pesquisa-ação realizado por professores da educação básica que concluíram o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFJF), programa de pós-graduação que objetiva uma formação que alia a pesquisa acadêmico-científica às reflexões e intervenções nas diversas realidades de sala de aula de Língua Portuguesa e Literatura.

Neste caderno, estão disponibilizadas sequências de atividades pedagógicas desenvolvidas pelo docente em sala de aula, isto é, num ambiente real de aprendizagem, entendidas como resultado de uma prática de “reflexão na ação” destacada por Schön (1992), a qual considera a necessidade de reunir dimensões sobre a prática reflexiva, tais como a compreensão do conteúdo a ser apresentado ao aprendiz, a interação interpessoal entre professor e aluno e a autonomia para que o professor desenvolva a sua prática no ambiente de ensino. Nesta mesma perspectiva, Tardif e Lessard (2008) ressaltam que o trabalho docente é um “trabalho interativo, trabalho sobre e com o outro” (p.11).

Nesse sentido, o intuito deste material é fazer com que haja também um dialogismo com outros professores de Língua Portuguesa e Literatura, seja para auxiliar no processo de criação de projetos didáticos para as suas aulas, seja para refletir acerca de algum conteúdo específico ou mesmo publicizar entre os seus pares. Os materiais aqui expostos apresentam aspectos que demonstram a práxis docente em sua essência emancipatória e libertadora (Freire, 1996), uma vez que privilegiam a autonomia do alunado.

Assim, esperamos que cada leitor faça proveito deste material para a sua formação profissional docente ou mesmo para enriquecimento acadêmico-científico acerca das temáticas tratadas.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Apresentação do projeto

Caro Professor,

Você está sendo apresentado a um caderno pedagógico pensado e elaborado a partir dos estudos literários realizados no âmbito do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - sobre a necessidade de ampliação do letramento literário na educação básica. O projeto nasce da constatação de que o ensino de literatura, muitas vezes, limita-se à decodificação formal dos textos, desconsiderando leituras críticas e identitárias.

Situados em um contexto de desvalorização do feminino e naturalização do machismo em práticas cotidianas, faz-se necessário abordar o feminismo desde os anos finais do Ensino Fundamental, buscando oferecer aos estudantes ferramentas para a transformação de suas relações e de seu entorno. Por isso, o objetivo principal deste projeto é ampliar o letramento literário dos alunos por meio de uma abordagem feminista de alguns contos selecionados do livro *Um espinho de marfim e outras histórias* da escritora Marina Colasanti.

Para Colomer (2007), “o texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la” (Colomer, 2007, p. 27). Acreditando nesse potencial da literatura, entendendo o texto literário como um possível instrumento de reflexão crítica sobre o machismo nas práticas sociais contemporâneas, almejamos desenvolver nos alunos habilidades de leitura e de escrita crítica, com foco na representação da mulher e das personagens femininas, ampliando a consciência de gênero. Para isso, elaboramos uma série de atividades, adaptando, ao nosso contexto e objetivos, a metodologia da sequência expandida proposta por Cosson (2009).

Essas atividades nascem, portanto, das discussões teóricas, realizadas ao longo do Mestrado, a partir de Soares (2003), Colomer (2007), Chambers (2023), Bajour (2012), Cosson (2009) e Andruetto (2012) a respeito do letramento e do letramento literário; e de hooks (2020), Figueiredo (2020), Ribeiro (2018), Gudino (2024) no que concerne à temática do feminismo e da crítica feminista.

Assim, defendendo a necessidade premente de que o feminismo e a crítica literária feminista tenham lugar em nossas práticas pedagógicas, esse projeto

busca, ampliar o letramento literário dos alunos, oferecendo novas perspectivas e experiências com os textos, além de sugerir pistas de transformação da realidade em que vivem.

Aproveite este material!

Clique [aqui](#) para baixar a Dissertação.

Sumário

Apresentação da proposta.....	7
Primeira etapa: motivação.....	8
Aula 1	8
Aula 2.....	9
Segunda etapa: introdução	11
Primeiro momento.....	11
Segundo momento.....	12
Terceiro momento.....	12
Quarto momento.....	13
Terceira etapa: leitura e interpretação.....	14
Conto 1: A moça tecelã.....	14
Conto 2: Um espinho de marfim.....	18
Conto 3: De água nem tão doce.....	21
Conto 4: Porém igualmente.....	23
Conto 5: Entre a espada e a rosa.....	24
Conto 6: Para que ninguém a quisesse.....	29
Conto 7: Debaixo da pele, a lua.....	30
Quarta etapa: segunda interpretação.....	33
Quinta etapa: contextualização.....	34
Sexta etapa: expansão.....	35
Referências	37

Apresentação da proposta

Esse projeto interventivo, elaborado a partir das concepções do letramento literário, propõe a leitura e interpretação, em uma perspectiva feminista, de sete contos da obra *Um espinho de marfim e outras histórias* (Colasanti, 1999), a saber “A moça tecelã”, “Um espinho de marfim”, “De água nem tão doce”, “Porém igualmente”, “Entre a espada e a rosa”, “Para que ninguém a quisesse” e “Debaixo da pele, a lua”.

Ancorado na metodologia da sequência expandida (Cosson, 2009), está dividido em seis etapas, quais sejam: motivação, introdução, leitura e interpretação, segunda leitura, contextualização e expansão. Ao longo da proposta, prevista para ser aplicada em 25 aulas de 50 minutos, você encontrará atividades de interpretação oral e escrita, preenchimento de quadros comparativos, discussões sobre o feminismo, bem como a produção escrita de novos desfechos de alguns contos e a construção de paródias que evidenciem a valorização do feminino.

Essa metodologia visa proporcionar aos alunos uma aproximação mediada ao texto literário. As atividades prévias à leitura objetivam desenvolver nos estudantes a habilidade de identificar traços inerentes às narrativas maravilhosas, como os contos de Colasanti, e de reconhecerem os discursos de gênero presentes nos textos.

A prática da leitura protocolada dos contos oferece a oportunidade de vivenciar com os alunos um percurso de construção coletiva dos sentidos. Através das predições sobre os textos, da leitura e da confirmação ou refutação das hipóteses, os estudantes podem perceber o texto literário como algo inacabado e a leitura como um ato coletivo. E as atividades que sucedem a leitura dos contos almejam propiciar aos estudantes ir além dos textos, identificando-se com eles e relacionando-os com suas vivências e contextos.

O caderno de leitura, inspirado no diário de leitura (Cosson, 2018), é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento dessas etapas, possibilitando aos alunos a manifestação de suas contribuições. Nele, os estudantes poderão colar as cópias dos contos, registrar as respostas dos questionamentos elaborados pela professora, fazerem tabelas comparativas, elaborarem produções textuais e comentários pessoais sobre as leituras.

Primeira etapa: motivação

O objetivo dessa etapa, que tem uma duração de 2 aulas de 50 minutos, é fazer uma aproximação temática do feminismo, que será estudado por meio de contos provenientes da obra *Um espinho de marfim e outras histórias* de Marina Colasanti. Para isso, trabalharemos com duas músicas brasileiras, propondo uma análise comparativa de suas letras.

Aula 1: Análise da música *Ai que saudades da Amélia* de Ataulfo Alves

Começar a aula ouvindo a música *Ai que saudades da Amélia* de autoria de Ataulfo Alves, cantada por Mário Lago. A seguir, os alunos responderão oralmente às questões:

Canção 1

Ai, que saudades da Amélia

Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Não vê que eu sou um pobre rapaz

Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
Quando me via contrariado
Dizia: Meu filho, o que se há de fazer!
Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia é que era mulher de verdade

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0VvdB9BUPA>. Acesso em: 09 jan. 2025.

- 1) O eu-lírico da canção é um homem ou uma mulher? Justifique sua resposta com um trecho da letra da música.
- 2) Qual é a principal queixa que o eu-lírico faz com relação à atual companheira?
- 3) Segundo o eu-lírico, quais seriam as características de uma “mulher de verdade”?

4) Essa música foi escrita no ano de 1942. Houve alguma mudança com relação a essas características ou elas continuam sendo a marca de uma “mulher de verdade”?

Aula 2: Análise e comparação entre a música *Desconstruindo Amélia* de Pitty e *Ai que saudades da Amélia* de Ataulfo Alves

Ouvir a música *Desconstruindo Amélia* da cantora Pitty. A seguir, os alunos responderão às perguntas de 01 a 08, oralmente. Na questão 09, a professora fará no quadro a tabela comparativa e irá preenchê-la a partir da participação dos alunos. Ao concluir, ajudá-los a perceber as expectativas com relação à mulher e o modo como esta responde/supera/transgride essas expectativas nas duas canções abordadas.

Canção 2

Desconstruindo Amélia

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

**Disfarça e segue em frente, todo dia, até cansar (uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo, faz questão de se cuidar (uhu!)
Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro, hoje ela é um também**

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado e não entende o porquê
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18
Nem Balzac poderia prever
Depois do lar, do trabalho e dos filhos
Ainda vai pra night ferver

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqcrRgVxMI&t=163s>. Acesso em: 09 jan. 2025.

- 1) O foco narrativo dessa música está em 1ª pessoa, ou seja, o eu lírico participa diretamente da canção, ou está em 3ª pessoa, fazendo referência a outro participante da música? Justifique com um trecho.
- 2) Qual estrofe dessa canção corrobora com a visão de mulher apresentada na música *Ai que saudades da Amélia*?
- 3) Qual a estrofe que rompe com a visão de mulher apresentada na música *Ai que saudades da Amélia*?
- 4) Explique o que você entendeu do seguinte trecho do refrão: “Nem serva, nem objeto, já não quer ser o outro, hoje ela é um também”.
- 5) O que a canção nos revela a respeito da desigualdade salarial entre homens e mulheres?
- 6) Por que a mulher precisa, ainda hoje em nossa sociedade, ter “talento de equilibrista” como diz na quarta estrofe da música?
- 7) Por que a letra da música diz, na quarta estrofe, “Ela é muita, se você quer saber”?
- 8) Por que a música se chama *Desconstruindo Amélia*?
- 9) Com base nas duas músicas: *Ai, que saudades da Amélia* (canção 1) e *Desconstruindo Amélia* (canção 2), preencha o quadro:

Características da mulher- canção 1	Características da mulher- canção 2

Segunda etapa: introdução

O objetivo dessa etapa, prevista para ser realizada em 2 aulas de 50 minutos, de preferência em aulas geminadas, é construir com os alunos o conceito de narrativas maravilhosas e fazer um primeiro contato com a obra - *Um espinho de marfim e outras histórias*.

Primeiro momento:

Projetar as imagens abaixo e pedir aos alunos que, oralmente, identifiquem a que história cada imagem pertence:



a)



b)



c)



d)



e)

f)



g)



Segundo momento:

No caderno de leitura, os alunos responderão à seguinte pergunta: o que todas essas histórias têm em comum? Em seguida, eles vão compartilhar suas impressões e a professora ajudará na construção do conceito das narrativas maravilhosas.

Terceiro momento:

Apresentar um pequeno vídeo que mostra a própria Marina Colasanti explicando o que é uma história maravilhosa:

A screenshot of a YouTube search result for Marina Colasanti. The browser address bar shows the search query 'marina colasanti'. The video thumbnail shows Marina Colasanti speaking. The video title is 'Marina Colasanti explica o que são histórias maravilhosas ou contos de fada'. The video has 26 mil visualizações and was uploaded 9 years ago. The channel is Grupo Editorial Global. The video description reads: 'Histórias cheias de significados, que parecem sonhos mas tratam de realidades e sentimentos profundos da Humanidade.' The video duration is 2:15.

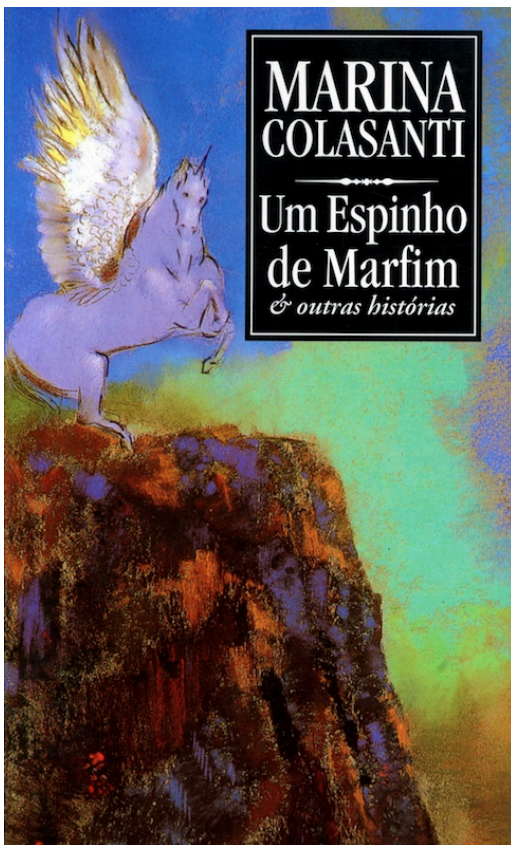
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gTcEjthGfoE>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Após o vídeo, a professora promoverá uma discussão oral com os alunos a partir das seguintes questões que serão projetadas:

- a) Segundo Marina Colasanti, qual é uma das exigências das histórias maravilhosas?
- b) A que estão ligadas essas histórias? A que elas fazem referência?
- c) Que temática a autora diz gostar de abordar em seus contos?

Quarto momento:

Apresentar aos alunos o livro físico *Um espinho de marfim e outras histórias* e realizar uma discussão oral a respeito dos elementos paratextuais:



- 1) O que a imagem da capa nos sugere?
- 2) A imagem da capa dialoga com o título do livro? De que modo?
- 3) Este livro não é um romance, mas sim uma coletânea de contos. Como entendemos essa diferença?

COLASANTI, Marina. **Um espinho de marfim e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Explicar para os alunos que, ao longo da Intervenção, faremos a leitura de sete contos desse livro:

A moça tecelã
Um espinho de marfim
De água nem tão doce
Porém igualmente
Entre a espada e a rosa
Para que ninguém a quisesse
Debaixo da pele, a lua

Terceira etapa: leitura e interpretação

A terceira etapa dessa intervenção é dedicada à leitura de sete contos da obra *Um espinho de marfim e outras histórias* e sua primeira interpretação. A leitura será desenvolvida em sala de aula, com a intervenção da professora. Em alguns contos, se seguirá a metodologia da leitura protocolada, objetivando que os alunos criem e testem hipóteses a respeito da trama e dos personagens. Os alunos receberão cópias dos contos, que serão coladas nos cadernos de leitura. No final de cada conto, os alunos preencherão uma tabela, na qual sistematizarão os principais conflitos vivenciados pelas personagens femininas e as características que lhes permitiram solucionar (ou não) esses obstáculos. Essa é a parte mais extensa da intervenção, e está prevista para acontecer em 15 aulas de 50 minutos.

CONTO 1: A MOÇA TECELÃ

Duração: 02 aulas de 50 minutos

Primeiro momento:

Leitura protocolada do conto “A moça tecelã” (p.9-12). Escrever o título do conto no quadro e perguntar aos alunos oralmente: vocês sabem o que é um tear? Projetar a seguinte imagem:



Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-36-Tear-de-pente-para-producao-dos-tecidos_fig3_330938614.
Acesso em: 10 jan.2025.

Em seguida, perguntá-los: o que faz uma moça tecelã?

A professora realiza a leitura dos fragmentos e faz perguntas, que serão respondidas oralmente, para que os alunos elaborem hipóteses sobre o conto.

Fragmento 1:

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- Até esse momento da narrativa, o que podemos saber sobre a personagem?
- Como é a relação dela com os elementos da natureza?

Fragmento 2:

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Como a moça fazia para alimentar-se?
- b) Como era a rotina da moça tecelã?
- c) O que dava sentido à vida dela?

Fragmento 3:

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Por que a moça desejou ter um marido?
- b) Como o moço entrou na vida dela?
- c) Como a moça sonha que será sua vida com o marido?

Fragmento 4:

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia

e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) O homem tinha os mesmos sonhos que a mulher com relação à vida do casal? Com que sonhava ele?
- b) A rotina da mulher, na companhia do marido, mudou? Como ela ocupa seus dias agora?
- c) Esse novo ritmo de vida a faz mais feliz? Segundo o texto, como ela se sentia?

Fragmento 5:

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu:

— Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Qual o lugar que a mulher ocupa no palácio que ela acabou de criar?
- b) Como é a relação dessa mulher e desse homem?
- c) Por que a mulher deseja estar sozinha de novo?
- d) Como ela vai realizar esse desejo? Elabore hipóteses.

Fragmento 6:

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) A hipótese de algum de vocês se confirmou?
- b) O que vocês acharam da atitude da mulher ao destecer tudo o que tinha criado?
- c) Vocês acham que essa história pode acontecer na vida de mulheres reais? De que forma?

Segundo momento:

Os alunos responderão ao quadro abaixo, com dados do conto “A moça tecelã”, de forma escrita no caderno de leitura. Depois disso, compartilharão as respostas de forma oral em sala de aula.

Situação inicial da personagem feminina	Conflito	Resolução do conflito	Características/ atitudes da mulher necessárias à resolução

CONTO 2: UM ESPINHO DE MARFIM

Duração: 2 aulas de 50 minutos

Primeiro momento:

Leitura protocolada do conto “Um espinho de marfim” (p. 39-41). A professora faz a leitura dos fragmentos e discute oralmente com os alunos sobre as questões:

Fragmento 01:

Amanhecia o sol e lá estava o unicórnio pastando no jardim da Princesa. Por entre flores olhava a janela do quarto onde ele vinha cumprimentar o dia. Depois esperava vê-la no balcão, e, quando o pezinho pequeno pisava no primeiro degrau da escadaria descendo ao jardim, fugia o unicórnio para o escuro da floresta.

Um dia, indo o Rei de manhã cedo visitar a filha em seus aposentos, viu o unicórnio na moita de lírios.

Quero esse animal para mim. E imediatamente ordenou a caçada.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Esse texto apresenta características de um clássico conto de fadas? Quais?
- b) Quem são os personagens? O que sabemos de cada um deles?
- c) Vocês acham que o rei conseguirá capturar facilmente o unicórnio?

Fragmento 2:

Durante dias o Rei e seus cavaleiros caçaram o unicórnio nas florestas e nas campinas. Galopavam os cavalos, corriam os cães e, quando todos estavam certos de tê-lo encurralado, perdiam sua pista, confundindo-se no rastro.

Durante noites o rei e seus cavaleiros acamparam ao redor de fogueiras ouvindo no escuro o relincho cristalino do unicórnio.

Um dia, mais nada. Nenhuma pegada, nenhum sinal de sua presença. E silêncio nas noites.

Desapontado, o rei ordenou a volta ao castelo.

E logo ao chegar foi ao quarto da filha contar o acontecido. A princesa, penalizada com a derrota do pai, prometeu que dentro de três luas lhe daria o unicórnio de presente.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Por que o rei e os súditos não conseguem capturar o unicórnio?
- b) O rei sabe o momento correto em que o unicórnio aparece? Quem tem esse conhecimento?
- c) Por que a princesa promete presentear o rei com o unicórnio?

Fragmento 3:

Durante três noites trançou com os fios de seus cabelos uma rede de ouro. De manhã vigiava a moita de lírios do jardim. E no nascer do quarto dia, quando o sol encheu com a primeira luz os cálices brancos, ela lançou a rede aprisionando o unicórnio.

Preso nas malhas de ouro, olhava o unicórnio aquela que mais amava, agora sua dona, e que dele nada sabia.

A princesa aproximou-se. Que animal era aquele de olhos tão mansos retido pela artimanha de suas tranças? Veludo do pelo, lacre dos cascos, e desabrochando no meio da testa, espinho de marfim, o chifre único que apontava ao céu.

Doce língua de unicórnio lambeu a mão que o retinha. A princesa estremeceu, afrouxou os laços da rede, o unicórnio ergueu-se nas patas finas.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Que estratégia a princesa utilizou para capturar o unicórnio?
- b) Por que a princesa liberta o animal?

Fragmento 4:

Quanto tempo demorou a princesa para conhecer o unicórnio? Quantos dias foram precisos para amá-lo?

Na maré das horas banhavam-se de orvalho, corriam com as borboletas, cavalgavam abraçados. Ou apenas conversavam em silêncio de amor, ela na grama, ele deitado aos seus pés, esquecidos do prazo.

As três luas porém já se esgotavam. Na noite antes da data marcada o rei foi ao quarto da filha lembrar-lhe a promessa. Desconfiado, olhou nos cantos, farejou o ar. Mas o unicórnio que comia lírios tinha cheiro de flor, e escondido entre os vestidos da princesa confundia-se com os veludos, confundia-se com os perfumes.

Amanhã é o dia. Quero sua palavra comprida, disse o rei- virei buscar o unicórnio ao cair do sol.

Saído o rei, as lágrimas da princesa deslizaram no pelo do unicórnio. Era preciso obedecer ao pai, era preciso manter a promessa. Salvar o amor era preciso.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Como era a relação entre o unicórnio e a princesa?
- b) Por que os dois se esqueciam do prazo marcado com o rei?
- c) A princesa se encontra em um grande conflito que pode ser resumido como obediência x amor. Comente.
- d) O que você faria se estivesse no lugar dela?
- d) O que o conflito, mencionado na questão c, nos revela sobre as condições de vida e de possibilidade de escolha (ou não escolha) das mulheres ao longo dos tempos e, ainda hoje, em alguns contextos?

Fragmento 5:

Sem saber o que fazer, a princesa pegou o alaúde, e a noite inteira cantou sua tristeza. A lua apagou-se. O sol mais uma vez encheu de luz as corolas. E como no primeiro dia em que haviam se encontrado a princesa aproximou-se do unicórnio. E como no segundo dia olhou-o procurando o fundo de seus olhos. E como no terceiro dia aproximou a cabeça do seu peito, com suave força, com força de amor empurrando, cravando o espinho de marfim no coração, enfim florido.

Quando o rei veio em cobrança da promessa, foi isso que o sol morrente lhe entregou, a rosa de sangue e um feixe de lírios.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) O que a princesa escolheu fazer para sair do dilema em que se encontrava?
- b) O que o conto nos revela sobre as possibilidades de a mulher ir contra as ordens estabelecidas pelo sistema patriarcal (simbolizado aqui na figura do pai)?

Segundo momento:

Ao fim da leitura protocolada e após responder oralmente às questões acima propostas, os alunos darão uma resposta escrita, no caderno de leitura, às seguintes perguntas:

1. O que seria esse espinho de marfim que dá título ao conto e ao livro?
2. Por que é importante destacar essa parte específica (espinho de marfim) do corpo do unicórnio?
3. Que outro título você daria a esse conto?

Terceiro momento:

Os alunos responderão ao quadro abaixo, com dados do conto “Um espinho de marfim”, de forma escrita no caderno de leitura. Depois disso, compartilharão as respostas de forma oral em sala de aula.

Situação inicial da personagem feminina	Conflito	Resolução do conflito	Características/ atitudes da mulher necessárias à resolução

CONTO 3: DE ÁGUA NEM TÃO DOCE

Duração: 2 aulas de 50 minutos

Primeiro momento:

A professora lerá em voz alta o conto “De água nem tão doce”, na íntegra (p. 42-43).

Criava uma sereia na banheira. Trabalho, não dava nenhum, só a aquisição dos peixes com que se alimentava. Mansa desde pequena, quando colhida em rede de camarão, já estava treinada para o cotidiano da vida entre azulejos.

Cantava. Melopéias, a princípio. Que aos poucos, por influência do rádio que ele ouvia na sala, foi trocando por músicas de Roberto Carlos. Baixinho, porém, para não incomodar os vizinhos.

Assim se ocupava. E com os cabelos, agora pálido ouro, que trançava e destrançava sem fim. “Sempre achei que sereia era loura”, dissera ele um dia trazendo tinta e água oxigenada. E ela, sem sequer despedir-se dos negros cachos no reflexo da água da banheira, começara dócil a passar o pincel.

Só uma vez, nos anos todos em que viveram juntos, ele a levou até a praia. De carro, as escamas da cauda escondidas debaixo de uma manta, no pescoço a coleira que havia comprado para prevenir um recrudescer do instinto. Baixou um pouco o vidro, que entrasse ar de maresia. Mas ela nem tentou fugir. Ligou o rádio, e ficou olhando as ondas, enquanto flocos de espuma caíam dos seus olhos.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Após a leitura, os alunos responderão de forma escrita no caderno de leitura às seguintes questões. Em seguida, as respostas serão compartilhadas de forma oral:

- a) Quem são os personagens do conto?
- b) Por que o homem mantinha a sereia em uma banheira?
- c) Qual era o único trabalho que o homem tinha com ela?
- d) Quais são as transformações que ocorrem na vida da sereia para agradar a seu dono?
- e) Quais são as características psicológicas mais marcantes dos personagens: como era esse homem e como era a sereia?
- d) Se pensarmos no mundo real: o que significa a manta que esconde as escamas da cauda da sereia e a coleira em seu pescoço para poder ir à praia?
- e) Qual o sentido da metáfora contida em “já estava treinada para o cotidiano da vida entre azulejos”?
- f) Por que o conto se chama “De água nem tão doce” ?
- g) Que relação (ou relações) de nosso mundo real podemos identificar por trás da metáfora desta sereia domesticada? Quem seria ela e o que limita seu espaço vital?

Segundo momento:

Os alunos responderão ao quadro abaixo, com dados do conto “De água nem tão doce”, de forma escrita no caderno de leitura. Depois disso, compartilharão as respostas de forma oral em sala de aula.

Situação inicial da personagem feminina	Conflito	Resolução do conflito	Características/ atitudes da mulher necessárias à resolução

Terceiro momento:

Após compartilharem as respostas do quadro acima, os alunos responderão de forma escrita no caderno de leitura às seguintes perguntas:

- a) Nesse conto há uma resolução para o conflito? Por quê?
- b) Que característica/atitude teria sido necessária para que a mulher rompesse com a dominação que lhe era imposta? Por que lhe falta essa característica?

CONTO 4: PORÉM IGUALMENTE

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Primeiro momento:

A professora faz a leitura do conto “Porém igualmente” (p. 44), na íntegra, em voz alta.

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando.
É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando.
Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o voo de sua trajetória.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Ao terminar a leitura, os alunos responderão de forma oral às seguintes questões:

- a) Quem são os personagens desse conto?
- b) Por que os vizinhos classificam D. Eulália de “santa”?
- c) Por que os parentes a consideram “um anjo”?
- d) Por que vizinhos e parentes nada fazem para encorajar Eulália a romper com a situação da qual era vítima?
- e) Qual é o tema deste conto?
- f) Segundo o conto, o que se espera de uma esposa “santa”?

Segundo momento:

Os alunos responderão ao quadro abaixo, com dados do conto “Porém igualmente”, de forma escrita no caderno de leitura. Depois disso, compartilharão as respostas de forma oral em sala de aula.

Situação inicial da personagem feminina	Conflito	Resolução do conflito	Características/ atitudes da mulher necessárias à resolução

Terceiro momento:

Fazer as seguintes perguntas, para que os alunos respondam de forma oral:

- A personagem feminina, nesse conto, resolve o conflito? Por quê?
- Por que o conto se chama “Porém, igualmente”?
- Esse título permite ao leitor criar predições a respeito do enredo ou dos personagens do conto? Por que isso acontece?

CONTO 5: ENTRE A ESPADA E A ROSA

Duração: 03 aulas de 50 minutos

Primeiro momento:

Dividir o conto “Entre a espada e a rosa” (p.54-59) em fragmentos e fazer a leitura protocolada, realizando pausas para a geração de predições sobre o texto. Em cada fragmento, discutir oralmente as questões com os alunos:

Fragmento 1:

Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz "quero"? A hora que o pai escolhe. Isso descobriu a Princesa na tarde em que o Rei mandou chamá-la e, sem rodeios, lhe disse que, tendo decidido fazer aliança com o povo das fronteiras do Norte, prometera dá-la em casamento ao seu chefe. Se era velho e feio, que importância tinha frente aos soldados que traria para o reino, às ovelhas que poria nos pastos e às moedas que despejaria nos cofres? Estivesse pronta, pois breve o noivo viria buscá-la.

De volta ao quarto, a Princesa chorou mais lágrimas do que acreditava ter para chorar. Embotada na cama, aos soluços, implorou ao seu corpo, a sua mente, que lhe fizesse achar uma solução para escapar da decisão do pai. Afinal, esgotada, adormeceu.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- Quem escolhe o momento ideal para a princesa casar-se?
- Por que o pai desejava casá-la com o chefe do povo do norte?

- c) Os gostos da princesa e suas impressões a respeito do noivo são levados em conta? Por quê? O que é mais importante que isso?
- c) O que a princesa poderá fazer para evitar o casamento não desejado por ela?

Fragmento 2:

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo ficou. E ao acordar de manhã, os olhos ainda ardendo de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Com quanto medo correu ao espelho! Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando-lhe o queixo! Não podia acreditar, mas era verdade. Em seu rosto, uma barba havia crescido.

Passou os dedos lentamente entre os fios sedosos. E já estendia a mão procurando a tesoura, quando afinal compreendeu. Aquela era a sua resposta. Podia vir o noivo buscá-la. Podia vir com seus soldados, suas ovelhas e suas moedas. Mas, quando a visse, não mais a quereria. Nem ele nem qualquer outro escolhido pelo Rei.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Qual das hipóteses de vocês se confirmou com relação ao que a princesa faria para evitar o casamento indesejado?
- b) Por que nenhum príncipe aceitaria a princesa com aquela barba?
- c) Qual vocês acham que será a reação do rei ao ver a princesa barbada?

Fragmento 3:

Salva a filha, perdia-se porém a aliança do pai. Que tomado de horror e fúria diante da jovem barbada, e alegando a vergonha que cairia sobre seu reino diante de tal estranheza, ordenou-lhe abandonar o palácio imediatamente.

A Princesa fez uma trouxa pequena com suas jóias, escolheu um vestido de veludo cor de sangue. E, sem despedidas, atravessou a ponte levadiça, passando para o outro lado do fosso. Atrás ficava tudo o que havia sido seu, adiante estava aquilo que não conhecia.

Na primeira aldeia aonde chegou, depois de muito caminhar, ofereceu-se de casa em casa para fazer serviços de mulher. Porém ninguém quis aceitá-la porque, com aquela barba, parecia-lhes evidente que fosse homem.

Na segunda aldeia, esperando ter mais sorte, ofereceu-se para fazer serviços de homem. E novamente ninguém quis aceitá-la porque, com aquele corpo, tinham certeza de que era mulher.

Cansada mas ainda esperançosa, ao ver de longe as casas da terceira aldeia, a Princesa pediu uma faca emprestada a um pastor, e raspou a barba. Porém, antes mesmo de chegar, a barba havia crescido outra vez, mais cacheada, brilhante e rubra do que antes.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Como podemos nomear a atitude do rei para com a princesa?
- b) Por que a princesa não é aceita em empregos para mulheres nem em empregos para homens?
- c) O que pode fazer agora a princesa?

Fragmento 4:

Então, sem mais nada pedir, a Princesa vendeu suas jóias para um armeiro, em troca de uma couraça, uma espada e um elmo. E, tirando do dedo o anel que havia sido de sua mãe, vendeu-o para um mercador, em troca de um cavalo.

Agora, debaixo da couraça, ninguém veria seu corpo, debaixo do elmo, ninguém veria sua barba. Montada a cavalo, espada em punho, não seria mais homem, nem mulher. Seria guerreiro.

E guerreiro valente tornou-se, à medida que servia aos Senhores dos castelos e aprendia a manejar as armas. Em breve, não havia quem a superasse nos torneios, nem a vencesse nas batalhas. A fama da sua coragem espalhava-se por toda parte e a precedia. Já ninguém recusava seus serviços. A couraça falava mais que o nome.

Pouco se demorava em cada lugar. Lutava cumprindo seu trato e seu dever, batia-se com lealdade pelo Senhor. Porém suas vitórias atraíam os olhares da corte, e cedo os murmúrios começavam a percorrer os corredores. Quem era aquele cavaleiro, ousado e gentil, que nunca tirava os trajes de batalha? Por que não participava das festas, nem cantava para as damas? Quando as perguntas se faziam em voz alta, ela sabia que era chegada a hora de partir. E ao amanhecer montava seu cavalo, deixava o castelo, sem romper o mistério com que havia chegado.

Somente sozinha, cavalgando no campo, ousava levantar a viseira para que o vento lhe refrescasse o rosto acariciando os cachos rubros. Mas tornava a baixá-la, tão logo via tremular na distância as bandeiras de algum torreão.

Assim, de castelo em castelo, havia chegado àquele governado por um jovem Rei. E fazia algum tempo que ali estava.

Desde o dia em que a vira, parada diante do grande portão, cabeça erguida, oferecendo sua espada, ele havia demonstrado preferi-la aos outros guerreiros. Era a seu lado que a queria nas batalhas, era ela que chamava para os exercícios na sala de armas, era ela sua companhia preferida, seu melhor conselheiro. Com o tempo, mais de uma vez, um havia salvo a vida do outro. E parecia natural, como o fluir dos dias, que suas vidas transcorressem juntas.

Companheiro nas lutas e nas caçadas, inquietava-se porém o Rei vendo que seu amigo mais fiel jamais tirava o elmo. E mais ainda inquietava-se, ao sentir crescer dentro de si um sentimento novo, diferente de todos, devoção mais funda por aquele amigo do que um homem sente por um homem. Pois não podia saber que à noite, trancado o quarto, a princesa encostava seu escudo na parede,

vestia o vestido de veludo vermelho, soltava os cabelos, e diante do seu reflexo no metal polido, suspirava longamente pensando nele.

Muitos dias se passaram em que, tentando fugir do que sentia, o Rei evitava vê-la. E outros tantos em que, percebendo que isso não a afastava da sua lembrança, mandava chamá-la, para arrepende-se em seguida e pedia-lhe que se fosse.

Por fim, como nada disso acalmasse seu tormento, ordenou que viesse ter com ele. E, em voz áspera, lhe disse que há muito tempo tolerava ter a seu lado um cavaleiro de rosto sempre encoberto. Mas que não podia mais confiar em alguém que se escondia atrás do ferro. Tirasse o elmo, mostrasse o rosto. Ou teria cinco dias para deixar o castelo.

Sem resposta, ou gesto, a Princesa deixou o salão, refugiando-se no seu quarto. Nunca o Rei poderia amá-la, com sua barba ruiva. Nem mais a queria como guerreiro, com seu corpo de mulher. Chorou todas as lágrimas que ainda tinha para chorar. Dobrada sobre si mesma, aos soluços, implorou ao seu corpo que lhe desse uma solução. Afinal, esgotada, adormeceu.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Qual a solução encontrada pela princesa para conseguir ser aceita em algum trabalho?
- b) Por que ela precisa peregrinar de castelo em castelo?
- c) Podemos dizer que mesmo nas vestes de um guerreiro famoso, a princesa continua sendo mulher. Qual trecho do conto exemplifica isso?
- d) O que vocês acham da atitude do rei ao obrigar a princesa a mostrar o rosto?
- e) O que a princesa provavelmente vai fazer agora?

Fragmento 5:

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo brotou. E ao acordar de manhã, com os olhos inchados de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Não ousou levar as mãos ao rosto. Com medo, quanto medo! Aproximou-se do escudo polido, procurou seu reflexo. E com espanto, quanto espanto! Viu que, sim, a barba havia desaparecido. Mas em seu lugar, rubras como os cachos, rosas lhe rodeavam o queixo.

Naquele dia não ousou sair do quarto, para não ser denunciada pelo perfume, tão intenso, que ela própria sentia-se embriagar de primavera. E perguntava-se de que adiantava ter trocado a barba por flores, quando, olhando no escudo com atenção, pareceu-lhe que algumas rosas perdiam o viço vermelho, fazendo-se mais escuras que o vinho. De fato, ao amanhecer, havia pétalas no seu travesseiro.

Uma após a outra, as rosas murcharam, despetalando-se lentamente. Sem que nenhum botão viesse substituir as flores que se iam. Aos poucos, a rósea

pele aparecia. Até que não houve mais flor alguma. Só um delicado rosto de mulher.

Era chegado o quinto dia. A Princesa soltou os cabelos, trajou seu vestido cor de sangue. E, arrastando a cauda de veludo, desceu as escadarias que a levariam até o Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) As transformações no corpo da princesa aconteciam de fora para dentro ou de dentro para fora? Explique.
- b) O que simboliza, nesse conto, a espada e a rosa?
- c) Podemos dizer que essa é uma história de amor? Comente.
- d) O que vocês imaginam que poderia acontecer depois do parágrafo final?

Segundo momento:

Os alunos responderão ao quadro abaixo, com dados do conto “Entre a espada e a rosa” de forma escrita no caderno de leitura. Depois disso, compartilharão as respostas de forma oral em sala de aula.

Situação inicial da personagem feminina	Conflito	Resolução do conflito	Características/ atitudes da mulher necessárias à resolução

CONTO 6: PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE

Duração: 02 aulas de 50 minutos

Primeiro momento:

A professora lê o conto “Para que ninguém a quisesse” na íntegra (p. 88-89).

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, das gavetas tirou todas as jóias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair.

Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras.

Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela.

Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos.

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido numa gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Escrever no quadro as seguintes perguntas para que os alunos respondam por escrito no caderno de leitura:

- Quem são os personagens do conto? Quais são suas características psicológicas?
- Que atitudes toma o marido com a intenção de evitar que outros homens olhassem para sua esposa?
- Em algum momento do conto, o marido se arrepende de suas atitudes para com a esposa? Por quê?
- Que transformações aconteceram na vida daquela mulher a partir das proibições impostas pelo marido?
- Você acha que a realidade apresentada no conto está presente apenas na ficção ou ela também é comum na nossa sociedade? Comente.

Segundo momento:

Os alunos responderão ao quadro abaixo, com dados do conto “Para que ninguém a quisesse” de forma escrita no caderno de leitura. Depois disso, compartilharão as respostas de forma oral em sala de aula.

Situação inicial da personagem feminina	Conflito	Resolução do conflito	Características/ atitudes da mulher necessárias à resolução

Terceiro momento:

Após o compartilhamento das respostas do quadro anterior, realizar uma discussão oral com os alunos sobre a questão: De que forma a personagem feminina, nesse conto, resolve o conflito?

CONTO 7: DEBAIXO DA PELE, A LUA

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Primeiro momento:

Leitura protocolada do conto “Debaixo da pele, a lua” (p.159-162). A professora faz a leitura dos fragmentos, parando para que os alunos respondam oralmente às questões:

Fragmento 01:

Chegado o tempo, uma moça se fez mulher. Mulher não como as outras, porém. Tão clara a sua pele! E por baixo dessa pele, vinda da própria carne, uma luminosidade que afluía em certos dias, e nos seguintes se intensificava, dia a dia, luz a luz, até alcançar o esplendor de tantas chamas frias, de tantas imóveis estrelas. Então os cabelos da mulher se faziam mais cheios, leite gotejava dos seus seios, e as bacias e as tinas da sua casa transbordavam.

Aquela mulher tinha a lua debaixo da pele.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

a) O conto começa afirmando “Chegado o tempo, uma moça se fez mulher. Mulher não como as outras, porém”. O que aquela mulher tinha de especial?

b) Vocês acham que ter a lua debaixo da pele trará vantagens ou desvantagens à nossa personagem?

Fragmento 02:

E estando uma tarde à porta da sua casa, quando o sol já se punha, foi vista pelo homem mais rico da região, que ia passando a cavalo.

Nunca ele havia encontrado uma mulher como aquela, mais semelhante às pérolas do que às outras mulheres. Imediatamente, a quis em casamento.

Na escuridão do quarto nupcial, porém, surpreendeu-se o homem percebendo que a pele da esposa não era tomada pelas sombras mas, ao contrário, destacava-se ainda mais pálida do que ele a havia visto àquela tarde. E com o passar das noites sua surpresa tornou-se espanto, enquanto a mulher se fazia mais e mais clara, iluminando a princípio as superfícies próximas, e logo derramando sua luminosidade de prata em todo o quarto.

“Essa mulher”, pensou o homem cheio de desconfiança, “vai acabar brilhando mais com sua luz do que eu com meu dinheiro”.

Sem demora, alegando que ela só luzia para impedi-lo de dormir e que o levaria à morte, desfez o casamento.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

a) Foi perguntado à mulher se ela queria se casar com o homem rico? Como aconteceu esse casamento?

b) Por que o homem rico desfaz o casamento com a mulher que tinha a lua debaixo da pele?

c) “Essa mulher, pensou o homem cheio de desconfiança, vai acabar brilhando mais com sua luz do que eu com meu dinheiro”. Esse temor do homem rico é algo apenas da ficção ou podemos encontrá-lo em nossa realidade? Explique.

Fragmento 03:

De novo em casa, a mulher que tinha a lua debaixo da pele iluminou sua solidão durante algum tempo. Mas não tardou muito para que a luz percorresse em direção oposta os mesmos caminhos que a haviam trazido, recolhendo-se à escuridão do corpo, e deixando a mulher apagada e pronta para longos sonos.

Cedo passou seu tempo de repouso. E uma noite, prudentemente fechadas as janelas para que sua plena luz não perturbasse as trevas alheias, foi vista por um ladrão que passava rente ao muro.

Era uma fresta apenas, que deixava vaziar a luz por entre os postigos. Mas bastou a lâmina daquele raio para chamar a atenção do ladrão. Aproximou-se sorrateiro, espiou para dentro. E lá estava a mulher, luzindo.

“Que belo dinheiro posso tirar dela exibindo-a nas feiras!”, pensou fisciando seu olhar de gato.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

a) Por que a luz da mulher é intermitente, ou seja, brilha por um período e se apaga em outro?

b) O ladrão enxergou a mulher como pessoa? Justifique.

Fragmento 04:

Esperou até que se deitasse, que estivesse bem dormida. Então forçou um trinco, abriu um batente, entrou com passos leves e, atirando em cima dela uma capa preta, carregou-a na escuridão.

Morava em uma cabana longe dali. Chegando, prendeu a mulher ao pé da mesa com uma corrente, atirou-se na cama e começou a roncar. Roncou o que restava da noite, roncou todo o dia seguinte. Só acordou ao anoitecer, hora de ladrão trabalhar. E saiu, não sem antes avisar à mulher que quando tivesse roubado dinheiro suficiente para comprar um cavalo, uma carroça e algumas roupas vistosas iria exibí-la nas feiras.

Voltou de manhã com os bolsos cheios e alguma comida. Sem dizer palavra, pôs-se a roncar. E o mesmo aconteceu nos dias seguintes. Desse modo, dormindo com o sol e saindo ao escurecer, o ladrão não percebeu que a luz da mulher perdia pouco a pouco a intensidade que haveria de fazê-lo rico. E na noite em que, afinal, tendo juntado o dinheiro necessário, resolveu ficar em casa, deparou-se com uma mulher igual a qualquer outra, sem o mínimo brilho, apenas mais pálida que as demais. Na feira, quem ia pagar para ver uma mulher apenas pálida?

Furioso, soltou a corrente e empurrou sua prisioneira porta afora.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Como era a relação da mulher que tinha a lua debaixo da pele com o ladrão?
- b) Por que o ladrão não percebeu que a luz da mulher estava se apagando?
- c) Por que o ladrão liberta a mulher?

Fragmento 05:

De novo em casa, a mulher que tinha a lua debaixo da pele. Apagada e sonolenta. Mas não por muito tempo.

Dessa vez, quando as tinas começaram a transbordar e a cabeleira derramou-se cheia, ela nem esperou o pôr-do-sol. Trancou bem a porta, fechou bem fechados os postigos das janelas, vedou cada frincha. Que ninguém a visse!

Não sabia que no alto, entre as telhas, a luz escapava denunciando-a.

Só havia sono ao redor, quando alguém bateu à porta.

Levantou-se a mulher, cautelosa. Abriu uma fresta.

À sua frente, um cavalo negro. E no alto da sela, envolta em um manto tão escuro que mal se lhe distinguiam os contornos, uma dama.

Antes mesmo que a mulher avançasse no umbral, sua pele estremeceu por sobre a lua, sua luminosidade ondejou como reflexo de lago. E ela soube quem tinha vindo buscá-la.

O cavalo sacudiu a crina, impaciente. A dama debruçou-se, chamando-a. Sem voltar-se para olhar sua casa, a mulher estendeu a mão, e montou no cavalo da Noite.

COLASANTI, Marina. Um espinho de marfim e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1999.

- a) Por que a mulher não queria ser vista por ninguém?
- b) Apesar de suas precauções, a mulher que tinha a lua debaixo da pele atrai um novo personagem. O que ele tem de diferente com relação aos outros dois admiradores?
- c) Em sua opinião, quem é a dama no cavalo negro que aparece chamando a mulher?

Segundo momento:

Os alunos responderão ao quadro abaixo, com dados do conto “Debaixo da pele, a lua”, de forma escrita no caderno de leitura. Depois disso, compartilharão as respostas de forma oral em sala de aula.

Situação inicial da personagem feminina	Conflito	Resolução do conflito	Características/ atitudes da mulher necessárias à resolução

Quarta etapa: segunda interpretação

O objetivo dessa etapa, que tem uma duração prevista de 02 aulas de 50 minutos, é levar os alunos a lançarem um novo olhar sobre os contos, a partir das tabelas com as características das personagens femininas.

Atividade

Os alunos serão motivados a voltar às tabelas, preenchidas no momento da leitura e interpretação de cada conto, e compará-las, observando os principais conflitos vivenciados pelas personagens femininas e as características e atitudes dessas personagens responsáveis pela sua superação. A professora ajudará os alunos a observarem a recorrência dos conflitos e das atitudes.

Em seguida, em grupos, os alunos vão escolher um dos contos nos quais os conflitos das personagens femininas não têm uma resolução (“De água nem tão doce”, “Porém igualmente” e “Para que ninguém a quisesse”) e deverão escrever um novo desfecho, no qual, a partir da perspectiva feminista, a mulher em questão consiga romper com a situação da qual é vítima. Ao terminar a escrita, os desfechos serão compartilhados de forma oral em sala de aula.

Quinta etapa: contextualização

Essa etapa, prevista para acontecer em 02 aulas de 50 minutos, preferencialmente em aulas geminadas, tem o objetivo de realizar uma contextualização temática dos contos estudados. Pretende-se ajudar os estudantes a pensar a respeito do feminismo, conceito que tem perpassado as atividades realizadas nessa proposta.

Atividade

Realizar com os alunos uma roda de conversa com o objetivo de discutir o entendimento que temos do que significa feminismo. Os alunos e a professora estarão sentados em círculo. No meio deste, estarão dois cartazes: um intitulado “Condiz com o feminismo” e outro intitulado “Não condiz com o feminismo”. A professora distribuirá entre os alunos, de forma aleatória, fichas com as frases mencionadas a seguir. Os alunos deverão colar a frase em um dos dois cartazes e justificar sua escolha. A professora contribuirá com as discussões, zelando pelo respeito às opiniões divergentes e ampliando as perspectivas dos alunos com relação ao tema em estudo.

1. Feminismo é o contrário de machismo.
2. Para o feminismo, nem homem nem mulher são superiores.
3. Feministas lutam contra a situação de opressão que rotula as mulheres de "sexo frágil".
4. Feministas não são femininas.
5. A equidade de gênero se encontra nos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU.
6. Feministas são de esquerda.
7. O movimento feminista defende que as mulheres tenham liberdade sobre seu próprio corpo.
8. O feminismo ignora as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres.
9. Feminismo tem a ver com liberdade de escolhas.
10. Feminismo é um movimento social que luta por igualdade entre homens e mulheres.

11. Feministas defendem a legalização do aborto.
12. As mulheres não precisam do feminismo ou não precisam mais.
13. Feministas odeiam homens.
14. Uma das bandeiras mais importantes do feminismo é o fim da violência contra a mulher.
15. Feministas não se depilam.
16. O feminismo encoraja homens e mulheres a romper com os estereótipos de gênero que lhes foram impostos ao longo da história.

Vale salientar que o exercício acima tem um propósito avaliativo, uma vez que poderemos verificar se os alunos compreenderam o que é feminismo, através das atividades de leitura e de interpretação dos contos de Marina Colasanti, realizadas ao longo da intervenção. Durante a atividade, a professora observará o envolvimento dos alunos nas discussões, a escuta atenta aos colegas, a capacidade de argumentar com respeito e a disposição para considerar diferentes pontos de vista. A proposta não terá caráter avaliativo com atribuição de nota, mas será considerada como parte do processo formativo dos alunos. As discussões que serão realizadas em torno das frases mencionadas não tencionam esgotar o tema, mas avaliar se os alunos estão habilitados a enxergar algumas nuances inerentes a esse tema e refutar os estereótipos reducionistas ligados a ele. Ao final da atividade, os cartazes serão expostos na sala de aula e poderão contribuir para a realização da próxima proposta.

Sexta etapa: expansão

O objetivo dessa etapa, que tem uma duração prevista de 02 aulas de 50 minutos, é possibilitar um diálogo entre a obra estudada e letras de músicas contemporâneas, levando os alunos relacionar o feminismo com textos comuns em suas vivências.

Atividade 01:

Essa atividade será realizada em casa. Em grupos, os alunos deverão escolher uma música cuja letra contribua para reforçar estereótipos machistas, na qual esteja implícita ou explícita a ideia de que a mulher é inferior ao homem. Feita a escolha,

os alunos deverão criar uma paródia¹ desta música, trazendo elementos do feminismo, a partir do que foi estudado com os contos de Marina Colasanti.

Para auxiliar em sua produção, os estudantes receberão uma cópia do seguinte *checklist*:

Espera-se que nessa atividade, você:

- Identifique estereótipos machistas presentes na música escolhida.
- Consiga transmitir de forma evidente uma crítica a esses estereótipos e ao machismo presentes na música original.
- Adapte a letra de forma criativa e inovadora.
- Evite em sua paródia o uso de linguagem ofensiva ou desrespeitosa, promovendo uma reflexão construtiva.
- Demonstre compreensão do conceito de feminismo e dos estereótipos de gênero.
- Faça um bom uso da linguagem, das rimas e do ritmo.
- Apresente a paródia de forma envolvente, demonstrando empenho e compreensão do conteúdo.

Atividade 02:

Os alunos apresentarão a paródia em sala de aula.

¹ Esse gênero - paródia - foi ensinado aos alunos pela docente no decorrer do 1º bimestre, constando no Currículo Referencial de Muriaé MG para o 9º ano do Ensino Fundamental, a partir da habilidade EF89LP36X da BNCC: “Após o trabalho com os gêneros paródia, paráfrase, música e poema, solicitar a produção da paródia de uma música ou poema [...] Destacar que a paródia é uma releitura crítica do texto original”. Disponível em: <https://curriculo.digiescola.muriae.mg.gov.br/anosfinais/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

Referências

ANDRUETTO, Maria Tereza. **Por uma literatura sem adjetivos**. Trad. Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

CHAMBERS, Aidan. **Diga-me: as crianças, a leitura e a conversa**. Trad. Juliana Chieregato Pedro. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2023.

COLASANTI, Marina. **Um espinho de marfim e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

GUDINO, Mariana Elizabeth Ceris Burtett. **Era uma vez... Figurações do Arquétipo da Princesa e do Pater Famílias em contos de Marina Colasanti**. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2024.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvi Libanio. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020a.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Trad. Bhuvi Libanio. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020b.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF**. São Paulo: Global, 2003.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

